

**Coisas fáceis e difíceis: pedir e demonstrar**

É agora o momento próprio de uma reflexão necessária: está o bibliotecário, o arquivista e o documentalista português a corresponder ao que dele se espera? A pergunta, que já parece dubitativa, logo acodem uns tantos — sobretudo os mais atingidos — a dizer que tal pergunta carece de sentido pois para que aqueles técnicos alcancem plenamente a sua actividade precisam de organizações técnicas capazes, de verbas, de instalações, de promoção de investigação, de leitura, etc., e, por último ainda: que é necessário que haja uma equiparação perfeita entre os vencimentos dos restantes técnicos superiores do Estado e os bibliotecários, arquivistas e documentalistas.

Tudo isto é justo, é razoável. De tudo isto se precisa ainda. Por outro lado, vimos o extraordinário passo que se deu em Novembro de 1969 quando os vencimentos destes técnicos foram aumentados de uma forma substancial, quase os equiparando aos técnicos superiores do Estado (houve medo em o fazer?... Houve forças que à última hora sabotaram a equiparação justa?...). Foi um extraordinário progresso no domínio por que há tanto se lutava. Foi uma batalha que se venceu, pois o que agora falta é bem pouco com o muito que se alcançou.

Ora desta circunstância resultou uma extraordinária responsabilidade profissional: a de saber ter razão para reclamar justiça!

Não bastou pedir justiça, não bastou apontar situações gritantes, não bastou que nos dessem satisfação à grande reivindicação. Não! Agora há o outro aspecto: o de se demonstrar aquilo de que somos efectivamente capazes. Pedir é fácil, criticar ainda mais fácil e cómodo, sobretudo... O pior é a realização, é a cooperação, é a efectivação. Estas, sim. Estas é que são difíceis de levar a cabo.

E qual o panorama que se nos oferece?

Triste, tristíssimo. Cada um se fecha na sua torre de marfim e não colabora. E que colaboração se exige? Pelo menos a dois níveis: ao nível da instituição e ao nível do conjunto profissional.

Ao nível institucional, discute-se isto e aquilo para pouco ou nada se fazer. São autênticas transacções de consciência para entrar na tal situação cómoda que foi a grande ruína da classe: não se faz porque não há para fazer, porque não há quem saiba dirigir, porque este e aquele são meninos bonitos e os outros enfeitados...

Se muito disto pode ter o seu aspecto de verdadeiro, a grande razão será outra: a da realização que se deve exigir aos autênticos técnicos, aos autênticos profissionais. Portanto só se poderá apelidar de técnico — e pedir a tal equiparação plena... — o que sabe realizar bem, o que se dedica

de corpo e alma à profissão, o que estuda e conhece. Ao nível do conjunto profissional, digamos mesmo, ao nível da classe, a colaboração é nula. Uns porque estão na profissão como podiam estar noutra actividade qualquer, outros porque ainda não aprenderam a saber qual o caminho exacto a seguir na carreira, outros — infelizmente, a grande maioria — porque não se estão para ralar, lembrando o pai que dizia, com autêntica sapiência salomónica, para um seu filho que havia atingido a cátedra universitária: «Agora, filho, que chegaste tão alto, goza-me este lugar...» E o filho, obediente, gozou efectivamente o pingue e tranquilo lugar nunca mais pegando num livro ou revista...

Evidentemente que não estamos a pedir obra de missão. Isso foi tempo, como foi tempo do bom do médico de aldeia — ou de cidade... — ser João Semana, que distribuía benesses pelos doentes para lhes mitigar as agruras e sofria com o sofrimento dos que se abeiravam de si. Foram tempos e a eles não se volta. Bem nos lembramos do que disse Ortega y Gasset, na sua missão do bibliotecário — «missão é aquilo que um homem tem de fazer na sua vida».

Mas deixemos a missão para os que são ou que querem ser missionários — e ainda vai havendo missionários na classe...

No entanto, a grande tendência hodierna — e ainda bem que assim é... — é para a profissionalização. Mas bom profissional não é apenas o que cumpre, o que entra e sai a horas certas, não é «o que lê e discute umas coisas...». É bastante mais: é sobretudo a responsabilidade de se ser técnico à altura. E técnico que se desdobra em dois tempos: o tempo da instituição que serve e o tempo da classe de que faz parte.

Metamos todos a mão na consciência, vejamos o que temos feito por uns e por outros, e verificaremos, com desolação e angústia, que a nossa contribuição tem ficado muito aquém do que podíamos e devíamos ter dado. E depois desta contricção que nos pode vir? Arrependimento? Mea culpa? Nem tanto. Que ao menos nos invada o desejo de melhorar um pouco a instituição onde servimos e que colaboremos mais na obra comum, obra de todos, pois onde um se salvar todos se salvarão e onde um perecer todos perecerão. Não basta pedir ou exigir. É preciso também fazer a demonstração que se sabe dar. Pedir torna-se fácil, realizar difícil!